



GALERIA
OUTRORA



Renata Melo
Imagem

Fotógrafo:
Magela Bastos
Modelo:
Henna melo

As mulheres conservadoras no pré-golpe: o caso da Camde e do poder

○ — ■ ■ — ○
Conservative's womens before the coup: The case of
Camde and Female Power

Beatriz de Souza Bravo

Resumo: O seguinte artigo procura comparar dois movimentos femininos muito semelhantes e que influenciaram os golpes militares do Brasil e do Chile, por meio, principalmente, da comparação entre duas obras. A Camde - a partir do livro *Direitas em movimento*, de Janaína Martins Cordeiro - e o Poder Feminino - a partir do livro *Poder Femenino*, de Margaret Power. Em governos que as mulheres de direita repudiavam - João Goulart e Salvador Allende -, as organizações se opuseram às ordens vigentes, em prol da família e da pátria. Sua condição como mães as auxiliava na fala apartidária e despolitizada, sendo peças chaves para a legitimação dos golpes que culminaram em ditaduras militares. O objetivo é percorrer as organizações desde sua fundação até os levantes militares de cada país, percebendo diferenças e semelhanças na atuação das mulheres e seu êxito na mobilização de massas.

Palavras-chave:

Mulher, Anticomunismo, Ditadura Militar, Chile, Brasil.

Abstract: The following article attempts to compare two very similar feminine movements that influenced the military coups of Brazil and Chile, through the comparison of two works. Camde - from the book *Direitas em movimento*, by Janaína Martins Cordeiro - and the Female Power - from the book *Poder Femenino*, by Margaret Power. In governments that right-wing women repudiated - João Goulart and Salvador Allende -, the organizations opposed the existing orders, in favor of the family and the country. Their condition as mothers assisted them in the nonpartisan and depoliticized speech, being key pieces for the legitimation of the coup that culminated in military dictatorships. The goal is to study organizations from their founding to the military uprisings in each country, realizing differences and similarities in women's action and their success in mobilizing masses.

Keywords:

Woman, Anti-communism, Military Dictatorship, Chile, Brazil.

Introdução

Os anos 1960 e 1970 foram períodos conturbados na América Latina. O contexto da Guerra Fria produziu polarização de esquerdas e direitas, radicalizadas em seus posicionamentos.¹ A Revolução Cubana - que demonstrava a possibilidade de êxito para o comunismo nas Américas - dava exemplo à esquerda do Cone Sul e aterrorizava a direita, fortemente anticomunista.² A Doutrina de Segurança Nacional reiterou a necessidade de combate ao inimigo interno, que trazia a subversão, nociva ao êxito do país.³

Na radicalização da direita, houve destaque a um discurso que exaltava os valores da pátria e da família, onde o maior mal, o comunismo, os destruiria. Na luta por esses preceitos encontram-se o objeto de estudo: a Campanha da Mulher pela Democracia (Camde) e o Poder Feminino (PF), organizações de mulheres conservadoras que se colocavam como mães e a favor do futuro do país, que com João Goulart - no caso brasileiro - e Salvador Allende - no Chile - seria tomado pelo comunismo, indo em direção oposta aos valores de ordem. Por isso, deveriam ser combatidos.

Estudar as mulheres é uma temática muito atual e necessária. No século XX não havia quase pesquisas sobre as cidadãs, por serem consideradas menos importantes no estudo da história, sem despertarem interesse e protagonismo.⁴ O que é um equívoco, pois como podemos ver, as mulheres mundo afora atuaram e foram muito influentes, inclusive nas conquistas femininas, como o direito ao voto. Para desconstruir a sociedade patriarcal vivida, é importante falar sobre a história delas. Tento demonstrar isto no artigo, já que trago as mulheres como protagonistas em um momento chave da história brasileira e chilena, e para entendermos o apoio civil que os golpes militares tiveram, é muito relevante percebermos a ação delas.

A Camde formou-se em 1962, em Ipanema, no Rio de Janeiro. A partir da organização de mulheres de classe média alta que frequentavam a paróquia Nossa Senhora da Paz, as participantes se mobilizaram contra a ‘ameaça comunista’ - representada, na concepção delas, por Jango - e a favor da democracia.⁵ Essas mulheres mobilizaram muitas cidadãs por meio de seus discursos em todo o território fluminense, formando grandes agentes da legitimação do golpe de 1964.

Já no Chile, a intervenção militar aconteceu quase dez anos depois. O governo Allende, eleito em 1970, se declarava efetivamente de esquerda, possuindo um projeto de chegar ao socialismo por meio de vias democráticas.⁶ Contra essas políticas, as mulheres conservadoras de classe média alta chilenas organizaram o Poder Feminino, onde planejavam ações para derrotar a coalizão governante. Conseguindo aliar-se às mulheres das classes pobres - principalmente por causa da crise do abastecimento vigente no Chile -, elas resistiram contra o governo e apoiaram o golpe, também legitimando a ditadura militar de seu país.

Entre semelhanças e diferenças, será exposto a realidade dos países e das mulheres frente aos governos e aos golpes militares. Nesse percurso será vista a forma em que as cidadãs do Cone Sul respaldaram as ditaduras que duraram anos em seus países.

1 FERREIRA, 2003, p.356.
2 AYERBE, 2004, p.17.
3 BORGES, 2003, p. 24.
4 LUNA, 1994, p. 29.
5 CORDEIRO, 2009.
6 WINN, 2009, p. 64.

A Camde e o Poder Feminino

João Goulart tomou posse em 1961, após a renúncia de Jânio Quadros. Seu governo é caracterizado por uma alta instabilidade, pois o mundo vivia um período bipolar de guerra fria.⁷ Ademais, seu programa de presidência era considerado polêmico pela direita conservadora, que o caracterizava como comunista⁸, sobretudo pela sua principal plataforma, as reformas de base.⁹ O presidente, além de contar com uma direita radical, tinha que lidar com uma esquerda também radicalizada, que era contra a política conciliatória de Jango, reivindicando as reformas de base para já.¹⁰ Por causa da instabilidade, e evitando uma ação armada da direita, Jango assumiu em regime parlamentarista - que não durou muito, pois gerou grande problemática, e o presidencialismo voltou em 6 de janeiro de 1962, a partir de um plebiscito.¹¹ No início do governo de Goulart, os futuros golpistas de 1964 ainda não tinham o apoio nem do povo e nem dos militares que precisariam para estabelecer um regime tão duradouro.¹² Com a crise econômica e política - e de autoridade - construiu-se a base de apoio do golpe: os militares que agiriam e os civis que legitimariam a ação das Forças Armadas.¹³ É nesse contexto a inserção da Camde, formando um importante suporte para o golpe de 1º de abril de 1964.

O governo de Salvador Allende assemelha-se em alguns aspectos ao de Goulart, e difere-se em outros. Allende assumiu em 1970, junto a coalizão da Unidade Popular (UP),¹⁴ com um discurso de que iria instaurar o socialismo no país a partir da democracia.¹⁵ Percebe-se já uma clara diferença entre os dois presidenciáveis, pois o chileno citado se impunha enquanto socialista. Os anticomunistas chilenos, então, tinham um receio direto de que o seu país fosse virar uma nova Cuba. Os brasileiros temiam que isso acontecesse em seu país, e definiam Jango enquanto comunista a partir de, principalmente, seu programa das Reformas de Base. Entretanto, o governante brasileiro não se definia como socialista.

A eleição de 1970 foi bastante disputada, demonstrando o quanto o Chile estava dividido naquela época. Allende venceu com 36,3% dos votos,¹⁶ e foi empossado Presidente da República, a desgosto da direita - nosso objeto de estudo -, com receio do Chile que ele iria construir. O governo da Unidade Popular (UP) é caracterizado por grandes reformas estruturais - Reforma Agrária e Nacionalização das indústrias, bancos e minas.¹⁷ Ademais, é um período de polarização dos que apoiavam ou não seu governo. A partir de uma grave crise econômica, formada pela alta inflação desde 1971, o boicote estadunidense e a crise de abastecimento,¹⁸ a UP vai perdendo

7 FERREIRA, 2003, p.348.

8 *Ibid.*, p.345.

9 “As reformas de base eram as principais políticas que Goulart pretendia implementar. Consistiam em uma série de reformas - fiscal, urbana, educacional, administrativa, agrária, bancária -, visando o crescimento econômico e social do Brasil, para superar o desenvolvimento e diminuir a desigualdade social. A reforma agrária era o grande destaque de tais reformas, e o mais polêmico para a direita.” (FERREIRA, 2003, p.345.)

10 *Ibid.*, p.356.

11 *Ibid.*, p.362.

12 *Ibid.*, p.349.

13 FERREIRA, 2003, p.386.

14 A Unidade Popular era uma coalizão entre Partido Socialista, Partido Comunista, o *Movimiento de Acción Popular Unitario* (MAPU), a *Acción Popular Independiente* (API) e o *Partido Social Demócrata* (PSD).

15 WINN, 2009, p. 64.

16 *Ibid.*, p. 68.

17 *Ibid.*, p. 109.

18 *Ibid.*, p. 133.

cada vez mais apoio dos chilenos.

Para esse artigo, é importante entender a situação política social e econômica dos países: anticomunismo crescente, polarização política, radicalização da esquerda e da direita, e fracasso na tentativa dos presidentes de criar um clima conciliatório. Além disso, crises econômicas que auxiliaram na insatisfação com o governo vigente. Essas falhas e esse clima conturbado foram usados pelos setores anti-Goulart e anti-Allende e golpistas a construir legitimidade de civis e militares.

A Campanha de Mulheres Pela Democracia (Camde) e o Poder Feminino (PF) foram criadas nesse momento ímpar e conturbado da história dos países do Cone Sul. No Brasil, em 12 de junho de 1962, em uma reunião na casa de Amélia Molina Bastos, no bairro de Ipanema, foi criada a Camde.¹⁹ O “nascimento” da organização aconteceu após dois membros do Ipês²⁰ - próximos da dona da casa, irmão e vizinho da mesma - e o Frei Leovigildo, da paróquia Nossa Senhora da Paz realizarem uma reunião com a dona da casa e amigas da igreja. O último expôs a situação de calamidade do país e a necessidade de um movimento de mulheres em defesa da Igreja, família e a pátria, ameaçados pelo perigo comunista. Com esses apoios, as mulheres cariocas decidiram agir.

Em 1971, o Chile entrou em uma crise econômica que culminou no desabastecimento de produtos no país.²¹ As mulheres mais pobres eram as que mais sofriam com esse transtorno, pois não tinham tempo para ficar nas longas filas para compras, nem tinham dinheiro para adquirir comida nos mercados ilegais. Aproveitando esse momento, as mulheres de direita convocaram todas as cidadãs chilenas a marchar com elas. Em primeiro de dezembro de 1971 ocorria a *Marcha de las Cacerolas Vacías* (Marcha das Panelas Vazias), onde chilenas protestavam contra o governo da UP com suas panelas vazias a mão, em alusão ao período de desabastecimento. Com uma contagem de 500 mil a um milhão de pessoas presentes, a Marcha foi um sucesso, e deu força às mulheres que queriam Allende fora da presidência.²² No começo 1972, a partir de ações como a marcha supracitada, as mulheres tinham em mente que deveriam se organizar para cumprir seus objetivos, e foi criado o *Poder Femenino* - Poder Feminino (PF).²³ O grupo, assim como a Camde, estruturou-se a partir de uma reunião entre amigas que queriam uma maior organização de mulheres para fazer barulho diante dos absurdos que consideravam o governo de Allende.²⁴ Diferentemente do governo da UP, os partidos de direita viram nas mulheres um importante apoio²⁵.

O movimento de chilenas era atuante antes do PF. Desde a campanha eleitoral presidencial de

19 CORDEIRO, 2009, p.46

20 O Ipês era uma organização que atuavam a partir da distribuição de folhetos, patrocinando atos e dando apoio financeiro a movimentos de estudantes e operários. Em seu corpo tinha “*empresários e militares ligados à burguesia nacional e associada*” (CORDEIRO, 2009, p. 110)

21 WINN, 2009, p. 157.

22 POWER, 2008, p.192.

23 *Ibid.*, p.193.

24 *Ibid.*, p.194.

25 Allende e a UP tinham em sua prioridade resolver a Luta de Classes, promovendo igualdade para todos os chilenos. Nesse discurso, o presidente almejava que, a partir do momento que chegasse a esse objetivo, todos teriam igualdade: mulheres, trabalhadores, entre outras minorias (POWER, 2008, p.35). O único incentivo à chilena foi a criação da *Secretaria Nacional de la Mujer*, em 1972, após grande demanda de cidadãs trabalhadoras, buscando assistência às mulheres. Entretanto, não investiu o quanto era necessário no projeto, que acabou não dando certo (POWER, 2008, p.36). A ditadura militar se apropria dessa Secretaria e a torna importante centro de mulheres, formando um importante apoio ideológico.

1964, elas lutavam contra Allende²⁶. A partir do segundo ano do governo da coalizão da UP, em 1971, as cidadãs começaram a agir, com a *Marcha das Cacerolas Vacías*.

No Brasil, apenas em um momento pré-golpe houve a formação de diversos grupos femininos²⁷. É interessante destacar o protagonismo da UFC/SP e da Camde na mobilização das mulheres nesses anos. O Chile tinha movimentos além da PF - *Acción de Mujeres Chilenas*, entre outros -, mas a organização tinha um papel central em todo o país, e as ações advinham de seu comando.

O nome dos grupos é útil para conhecer essas mulheres e o que queriam. A Camde, ao se intitular como Campanha de Mulheres Pela Democracia, deixava bastante claro seu objetivo, da luta pela sua interpretação de democracia da parte feminina da sociedade. Já o nome Poder Feminino é menos direto em suas finalidades. De fato, o nome da organização foi uma grande discussão entre as mulheres, pois elas sabiam que estavam pisando em um âmbito masculino: a política. Dessa forma, deveriam agir com cuidado, para não ameaçar as concepções patriarcais do Chile. Para contrastar com a palavra 'poder' - para elas era um termo muito forte - colocaram feminino, dando uma forma mais submissa e dependente advinda da mulher.²⁸

O Brasil e o Chile eram países patriarcais, e o papel da mulher era de servir ao marido e os filhos, e ter seu lugar em casa. Nos anos 50 e 60, as brasileiras não tinham muita liberdade. Apesar de terem conquistado o poder do voto em 1932, elas ainda viviam em um país extremamente machista. O futuro de ser *mãe, esposa, dona de casa*, era incontestável, visto como *natural* para as mulheres.²⁹ As chilenas, na década de 70, também viviam em um país que imperava uma "superioridade" masculina.³⁰ O voto feminino, outorgado em 1934, não alterou significativamente a posição da mulher³¹, e se demonstrou como única conquista do movimento feminino. As chilenas, pelo Código Civil vigente, deveriam obediência aos maridos.³²

Em suas ações, as mulheres de ambas as organizações objetivavam retomar os preceitos perdidos da ordem, tradição e família, salvando a pátria, a partir da derrota dos presidentes dos países, para garantir territórios sem o comunismo. Pelas obras de Cordeiro e Power é perceptível uma conexão muito maior das mulheres brasileiras com a religião. Como visto no início do texto, as brasileiras se formaram a partir da tutela de um Frei, e por meio um grupo de amigas da Igreja Católica. Sua religiosidade, dessa maneira, era cristã, com base na sua fé católica. O movimento veio de mulheres da igreja, que viam o comunismo como ateuista. Assim, para elas, os valores de Deus não estavam seguros com o governo de Goulart.³³ Ainda assim, os dois movimentos estudados destacaram o discurso de recuperar valores ameaçados pelo comunismo, que prejudicava o lar, a família, e o país, e que precisava-se restabelecer a *ordem*.

26 Neste ano o mesmo concorria com Eduardo Frei, do Partido Democrata Cristão. Elas fizeram a *Campaña del Terror*, apoiando o candidato oposto ao do partido socialista, e tiveram êxito. Frei governou entre 1964 e 1970. Em 1970, entretanto, as mulheres não obtiveram sucesso e Salvador Allende foi eleito. Elas lançaram uma campanha para ele não ser empossado, mas não obtém sucesso.

27 Como a União Cívica Feminina de São Paulo (UFC/SP), pioneira nos movimentos femininos, em 1961; A Liga da Mulher Democrática (Limde), em Belo Horizonte, em 1964. Também nesse ano, a Cruzada Democrática Feminina e a Ação Democrática Feminina Gaúcha (ADFG), em Porto Alegre. (CORDEIRO, 2009, p. 44)

28 POWER, 2008, p.199

29 BASSANEZI, 2004, p. 609

30 VALDÉS, 1987, p. 9

31 VALDÉS, FROHRAANN, 1993, p. 1.

32 VALDÉS, 1987, p. 11

33 CORDEIRO, 2009, p. 57

Em sociedades machistas, as mulheres tinham como principal função serem mães e esposas. As protagonistas da Camde e da PF não negavam isso, pelo contrário, abraçavam essa condição. Elas discursavam como mães, antes de se definirem como cidadãs.³⁴ Isso ocorreu a partir de seu reconhecimento de pertencer ao mundo privado. Teresa Valdés demonstra a relação entre o masculino e feminino³⁵ e a divisão entre público e privado. A sociedade é pautada a partir de uma organização de gênero, onde o papel feminino concentra-se no “âmbito privado-doméstico”, no sentido do lar, e isso possibilita ao marido produzir no “âmbito público” o sustento da família, e também exercer a política. A relação feminina com o público é apenas para cumprir tarefas tradicionais, como levar os filhos à escola, ir ao supermercado, ou seja, relacionado ao seu posto no privado. A política, para Chile e Brasil, estava no ambiente público, e era posição dos homens se impor nesse local, muitas vezes por meio de partidos. As mulheres do Cone-Sul saíram do ambiente que lhes era imposto - o privado - para defender sua família do perigo comunista, objetivando cumprir sua tarefa. Se “aventuraram”, se “sacrificaram” pelo futuro da pátria. Foi uma excelente forma de legitimar o governo, pela centralidade e caracterização da figura materna. Essas mulheres viraram exemplos.

Como visto acima, já na formação da PF as cidadãs percebiam que estavam se inserindo em um ambiente dos homens. As chilenas e brasileiras sempre deixavam muito claro que eram apolíticas, que não entendiam desse assunto e só estavam lutando pelas suas famílias.³⁶ Isso dava aos movimentos uma maior coerência e poder de repercussão, pois elas não tinham culpa na bagunça política que os homens haviam deixado, apenas ansiavam proteger seus filhos.

O desabastecimento corroborou ainda mais com essa ação do PF, pois o papel das cidadãs era cuidar da casa e alimentar a família. Com a crise, elas tinham dificuldade em dar o que comer aos filhos, então tinham que lutar para que pudessem voltar ao lar tranquilas.

Sendo assim, o PF e a Camde não diziam se organizar por interesses de terceiros, só estavam alargando seu papel do lar, ao protegê-lo do comunismo. Quando faziam política, era para proteger a família em um momento de crise, de exceção³⁷. As “mães” da Camde e da PF só queriam a volta e perpetuação do tradicional e da ordem, para regressarem tranquilas aos afazeres designados às mulheres: cuidar da família e do lar. As chilenas ainda expunham que atuavam politicamente pois os homens não estavam fazendo nada contra o caos do país, então lutavam para que os cidadãos voltassem ao seu posto no local político e colocassem o Chile no eixo, impondo de volta os papéis que cabiam naturalmente a cada um³⁸.

É quase contraditório a ação das mulheres. Elas se inseriam em um espaço político, um campo masculino, com protagonismo. Entretanto, ao mesmo tempo, negavam sua emancipação. Elas estavam, naquele momento, incomodadas apenas com os governos, e não com sua condição. Podemos perceber que elas estavam tão inseridas nessa concepção patriarcal que nem se davam conta de que teriam algo a lutar em relação ao gênero. Soihet (2013) expõe isso quando aborda o conceito de *violência simbólica* de Bourdieu (1996), “ao qual supõe a adesão dos dominados à categorias que embasam sua dominação”³⁹. O autor revela que a dominação masculina é uma violência simbólica,

34 CORDEIRO, 2009, p.119; POWER, 2008, p. 200.

35 VALDÉS, 1987, p.5

36 CORDEIRO, 2009, p.121

37 POWER, 2008, p. 202; CORDEIRO, 2009, p. 123.

38 POWER, 2008, p. 203; CORDEIRO, 2009, p. 125.

39 SOIHET, Rachel. “Mulheres investindo contra o feminismo: resguardando privilégios ou manifestação de violência simbólica? ”. In *Feminismos e antifeminismos: mulheres e suas lutas pela conquista da cidadania plena*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2013, página 1.

inserida nas sociedades, e em todas as relações de poder, muitas vezes impondo algo às mulheres que elas nem percebem enquanto violência - demonstrando o quanto essa dominação está infiltrada nas relações sociais e biológicas.⁴⁰ As mulheres e suas identidades são formadas a partir da dominação masculina, e isso é naturalizado na sociedade.⁴¹ Ao mesmo tempo, as mulheres da Camde e da PF tinham gratificações em suas vidas que as faziam viver subordinadas aos homens sem questionar: Elas tinham poder sobre seus filhos e a estruturação da casa. Dessa forma, elas não reivindicavam poder, pois se sentiam compensadas de certa forma com o comando de sua família e lar.⁴²

Além disso, nos anos 1960 e 1970, a pauta feminista, de luta pela igualdade feminina, era mal vista pelas sociedades latino-americanas. As feministas eram caracterizadas em tom pejorativo, como masculinas, que queriam na realidade ser homens. Isso afastava as cidadãs de entender a fundo o projeto de igualdade de gênero. O papel biológico feminino reforçava ainda mais essa concepção machista, pois elas geravam os filhos, reiterando a “óbvia diferença dos sexos”.⁴³ Dessa forma, por serem diferentes biologicamente, era lógico que cada gênero assumisse papéis coerentes aos diferentes corpos e funções.⁴⁴

As organizações estudadas, ao se intitularem apertidárias, criaram algumas contradições. De fato, a Camde não tinha ligações com partidos tão claras. Ainda que seu discurso condissesse com o da UDN, não tinha ele como braço de seu movimento⁴⁵. O PF, ao contrário, mantinha um elo bem próximo com os partidos antiallendistas.

Muitas chilenas que trabalharam no movimento de mulheres estudado eram filiadas aos partidos da oposição - Partido Nacional (PN), Partido Demócrata Cristão (PDC) - e aos grêmios. Em um Chile tão patriarcal quanto o Brasil, algumas chilenas exerciam um papel político no país, já transcendendo seu papel em casa. Dessa forma, as mulheres trouxeram auxílios chaves ao PF, pois tinham contatos com diversos setores da população⁴⁶.

Assim, é perceptível em ambos os movimentos que as mulheres não estavam em nenhum momento reivindicando um empoderamento e emancipação, até porque se demonstravam conscientes de sua posição na sociedade patriarcal e se comportavam como tal.⁴⁷ Pelo contrário, decidiram agir para poder continuar suas tarefas na esfera privada, sabendo que Deus - no caso fluminense -, a família e a pátria seriam mantidos, garantindo, assim, o futuro de seus filhos e demais descendentes.

Para cumprir seus objetivos sem sair da sua realidade, era de suma importância o apoio que as participantes da Camde tinham de seus maridos,⁴⁸ por dever obediência aos mesmos, aprovando o modelo de família machista. Como os esposos entendiam aquele tempo como único, eram permissivos com

40 BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*/Pierre Kühner. - 11º ed. - Rio de Janeiro 160p. Bourdieu tradução Maria Helena Bertrand Brasil, 2012. PÁG 45

41 SOIHET. 2013, p. 8.

42 *Ibid.*, p. 9.

43 *Ibid.*, p. 5.

44 *Ibid.*

45 CORDEIRO, 2009, p. 40.

46 O PN impulsionava a persistência em lutar para Allende ser deposto. Além disso, elas traziam patrocínio financeiro, acesso aos principais veículos de comunicação, elite e as Forças Armadas. O PDC tinha acesso a população mais pobre, pois tinha crédito por sua atuação nos centros de madres, local de apoio às mulheres carentes. Além disso também tinham acesso ao movimento sindical. O Gremialismo dava à PF acesso aos grêmios profissionais. Dessa maneira, eles aumentaram o poder de alcance do grupo antiallendistas. (POWER, 2008, p. 195)

47 CORDEIRO, 2009; POWER, 2008.

48 CORDEIRO, 2009, p. 66.

suas esposas participarem do movimento em âmbito público, pois resgatar os valores tradicionais era prioridade. A participação dos maridos, mesmo que fosse indiretamente, era condição para o êxito da Camde. Os homens e maridos chilenos também apoiaram em massa o movimento das mulheres. Eles não se sentiam ameaçados, já que o discurso da PF condizia com as ideias machistas que eles defendiam.⁴⁹

Ações das organizações

A primeira ação da Camde ocorreu no dia seguinte à sua formação. Trinta mulheres entregaram ao jornal *O Globo* um manifesto: *Protesto Feminino*,⁵⁰ onde proferiram sua oposição a nomeação de San Tiago Dantas, considerado pelas mesmas como suspeito de desrespeitar as normas tradicionais do mundo ocidental. Esses manifestos publicados n' *O Globo* eram comuns, sendo uma das formas da Camde de posicionar-se contramedidas as quais discordavam. A divulgação por um meio de comunicação com grande projeção permite ao movimento alcançar muitas mulheres no Rio de Janeiro, que compartilhavam as mesmas preocupações.

Com a crise de abastecimento se intensificando cada vez mais, as mulheres chilenas estavam menos tolerantes e começavam a falar mal do governo. Para demonstrar sua oposição, em um primeiro manifesto com organização do PF, as mulheres de todas as classes começaram a colocar panelas vazias de noite na porta de suas casas. Isso tornou-se o *Movimiento Nacional de Dueñas de Casa* contra o governo⁵¹, demonstrando o triunfo da direita em atrair mulheres de diversas classes sociais para sua causa. Também expunha o caráter dos protestos femininos: referentes ao lar, por motivos que as impediam de cumprir seu papel efetivo de donas de casa - o desabastecimento. Ainda assim, as cidadãs estavam se inserindo na política chilena. Em seus atos, tinham também, como a Camde, apoio dos jornais - *El Mercurio*, *Tribuna* e outros de oposição⁵² -, e apoio das rádios, que expunham suas pautas e atos. Formavam, assim, um sentimento nacional comum: da mulher conservadora defendendo seus princípios, como mãe.

Ainda que a Camde tivesse em sua maioria participantes da elite carioca conservadora e anticomunista - formando uma identidade de cultura política⁵³ -, elas conseguiam atingir diversos setores com suas manifestações. A partir do instante em que se colocavam como mães, mulheres brasileiras, apelavam para uma fala que comovia inúmeras pessoas que, mesmo não pertencendo à elite, compartilhavam dos mesmos receios: a dissolução da Igreja, da família e da nação, ameaçados pelo comunismo.⁵⁴

Entre as várias sedes da Camde⁵⁵, a participação das mulheres na Rocinha é importante. A partir de cursos, visavam educar *socialmente* as mulheres e as *preparar para a cidadania*.⁵⁶ Em um movimento de luta pela democracia, as ações sociais da Camde pretendiam preparar essas cidadãs que não faziam parte da elite carioca para quando a democracia fosse restabelecida, perpetuando os preceitos tradicionais, sem apoiar candidatos e políticas que destruiriam as bases de uma nação democrática. “(...) É preciso entender a assistência às comunidades mais carentes como parte do

49 POWER, 2008, p. 132.

50 CORDEIRO, 2009

51 POWER, 2008, p. 212.

52 *Ibid.* p. 213.

53 CORDEIRO, 2009, p. 51

54 *Ibid.*

55 Santo Cristo, Botafogo, Tijuca, Méier, Santana, Ilha do Governador (CORDEIRO, 2009, p. 51.)

56 CORDEIRO, 2009, p. 52

projeto político proposto por essas mulheres”.⁵⁷

No Chile, durante o começo do movimento antiallendista - fim de 1971 e início de 1972 -, a maior parte do grupo era constituído por mulheres ricas, e de classe média (em um menor número),⁵⁸ com receio de que o governo socialista tiraria suas regalias. As chilenas da PF tinham conhecimento da importância de incluir todas as classes em seu movimento, para abrangê-lo no sentido nacional, com grande poder. As mulheres da classe trabalhadora eram principais nesse discurso, pois os operários eram os protagonistas no governo de Salvador Allende, e tê-las ao seu lado atingiria cada vez mais a coalizão governante.

Com a crise econômica tão aguda, provocando o desabastecimento no Chile - as mulheres operárias e de classe baixa foram mais atingidas - a oposição conseguiu adeptas à organização com mais facilidade.⁵⁹ Elas odiavam a escassez, filas e caos que o presidente as proporcionou. Essa conjuntura deu a PF um argumento perfeito para ligar seu movimento de oposição a essas mulheres⁶⁰, tão distantes delas.

La escasez de alimentos y otros productos de primera necesidad provocó o exacerbó en muchas mujeres los sentimientos antiUP, porque golpeaba el corazón de sus identidades. Para la mayoría de los chilenos, ser mujer era sinónimo de ser madre.⁶¹

Além disso, a oposição feminina usou outros dois episódios no país para impulsionar e se aproximar das operárias: a campanha para barrar a estatização da CMPC (“*Papelera*”)⁶² e a greve da mina do *El Teniente*⁶³.

Com o objetivo de prejudicar o discurso de inclusão do grupo da UP, a PF dizia que tal governo alimentava o conflito de classes, apoiando os mais pobres contra os ricos.⁶⁴ A organização reiterou nesses argumentos seu movimento como apolítico, apartidário e sem classes, negando a aparência da mulher rica, destacando a mãe e esposa que apenas se preocupava com o futuro de sua família e a alimentação de seus filhos - prejudicados pelo comunismo. Seu papel natural era privado pela Unidade Popular.

Para a PF, a junção entre todas as classes de chilenas foi muito boa, pois cada uma traria benefícios diferentes. Como expõe Power:

Las mujeres de clase obrera que participaron trajeron una historia de

57 CORDEIRO, 2009, p. 53

58 POWER, 2008, p. 165.

59 *Ibid.*, p. 217.

60 *Ibid.*, p. 220

61 POWER, Margaret. *La mujer de derecha. El poder femenino y la lucha contra Salvador Allende, 1964 - 1973*. Santiago, Chile: Dirección de Bibliotecas, Archivos y Museos, 2008, página 33.

62 A CMPC (“*Papelera*”) era uma fábrica privada que produzia 90% do papel usado no Chile. (POWER, 2008, p. 221) O presidente Allende queria estatizá-la, e muitos funcionários foram contra. As mulheres da PF, junto às esposas de funcionários se organizaram na luta contra a ação do governo da UP.

63 O cobre era um dos mais importantes recursos chilenos, de maior fonte de renda, e foi estatizado em julho de 1971. Dessa forma, os mineiros do *El Teniente*, lucrativa, eram fundamentais. Em outubro de 1972 esses trabalhadores exigiram correção em seus salários de acordo com a inflação. Allende negou essa exigência, pois considerou uma atuação injusta com os trabalhadores de outros ramos (POWER, 2008, p. 229). A partir disso, os mineiros entraram em uma greve que deu um prejuízo grandioso para a coalizão governante. Em maio de 1973, as mulheres entraram na luta, criando o *Comité Femenino en Apoyo de los Trabajadores en Huelga* (POWER, 2008, p. 230).

64 POWER, 2008, p. 217

lucha y una urgencia económica que infundió determinación y legitimidad a su pugna. Las mujeres de la élite dieron con generosidad su tiempo, sus contactos y sus recursos. Sus actividades conjuntas contribuyeron a garantizar el triunfo de la oposición y la derrota de la UP en estas dos luchas laborales críticas.⁶⁵

Em apoio a luta das mulheres contra a estatização da “*Papelera*”, a PF ajudou a organizar a *Marcha Por La Patria*,⁶⁶ mas o governo não deu permissão a seu acontecimento. Essa proibição fez as mulheres criticarem ainda mais a UP, e a organizar a *Marcha por la Democracia*.

É interessante perceber a dinâmica dos dois grupos com a ideia democrática. Quando as mulheres da Camde reivindicavam pela democracia, era no sentido da mesma garantir mais “os valores morais do que um regime político”⁶⁷. Dessa forma, opunham o comunismo à democracia, em uma concepção de que o primeiro acabaria com os preceitos de integridade da família, religião e pátria, enquanto o segundo mantinha tal valores considerados pela Camde como essenciais. Defender a democracia era ser a favor de suas reivindicações no âmbito privado, em seu mundo “ignorante” de tendências políticas. “A democracia teria, dessa forma, a função de educar a massa”.⁶⁸

Segundo esse raciocínio, não seria contraditório às mulheres apoiar o pós golpe⁶⁹, pois o mesmo estaria estabelecendo e perpetuando os preceitos morais tradicionais e afastando o “perigo comunista”. A ditadura, com suas medidas autoritárias estaria *preparando* a sociedade brasileira para a democracia.⁷⁰ Quando a PF apoiou o manifesto pela democracia, foi por causa de uma proibição de protesto pelo governo, em um contexto de regime democrático. Esse foi o único momento em que as chilenas pediram pela democracia, já que poucos meses após a marcha reivindicaram a intervenção militar - e não carregaram o discurso de democracia que o grupo fluminense trazia.

Em 12 de abril de 1973 ocorreu a *Marcha por la Democracia*, que fortaleceu a PF, ao mobilizar entre 500 mil e 1 milhão de chilenos.⁷¹ Como foi uma manifestação com adesão popular, corroborou com o discurso da união sem classes. Ademais, elas alcançaram seu objetivo, e a “*Papelera*” não foi estatizada.

A greve do *El Teniente* termina em 30 de junho, com um acordo dos mineiros e a presidência. O saldo do movimento foi muito ruim para o governo da UP, pois perderam muito dinheiro nesses dias⁷². Além disso, como expõe Sergio Bitar, a greve foi um *golpe psicológico* à coalizão governante, pois estavam sendo pressionados pelos trabalhadores.⁷³

Momentos chaves para o futuro dos países do Cone Sul: Eleições parlamentares

As eleições para a Câmara Federal brasileira foram um momento ímpar para o governo de João Goulart, na análise de sua popularidade - o mesmo queria implementar as Reformas de Base⁷⁴. As mulheres

65 POWER, Margaret. *La mujer de derecha. El poder femenino y la lucha contra Salvador Allende, 1964 - 1973*. Santiago, Chile: Dirección de Bibliotecas, Archivos y Museos, 2008, página 239.

66 POWER, 2008, p. 224

67 CORDEIRO, 2009, p. 112

68 *Ibid.*

69 *Ibid.*, p. 123.

70 *Ibid.*

71 POWER, 2008, p. 226

72 *Ibid.*, p. 238

73 *Ibid.*

74 CORDEIRO, 2009, p. 56

da Camde atuaram com peso nesse contexto, dando pelas ruas folhetos com frases sensacionalistas envolvendo a família e a democracia, refêns do comunismo, como por exemplo: “*Papai, vote num democrata, para que eu continue livre amanhã*”.⁷⁵ Nas eleições os deputados do PTB, partido de Goulart, subiram em número. Entretanto, ainda não eram maioria do congresso, e sim a UDN junto ao PSD, opositores. O resultado da eleição levaria o presidente a realizar o comício na Central do Brasil.

Nesse mesmo ano, as mulheres da Camde, junto a UCF-SP, mandaram trinta mil cartas ao Congresso reivindicando que não fossem aceitos o pedido de plebiscito para o presidencialismo de Jango – este então governava em um sistema parlamentarista - e nem o requerimento do Primeiro Ministro de delegação.⁷⁶ Esse número de cartas é extremamente expressivo, demonstrando o poder de mobilização das mulheres brasileiras.

No Chile, em março de 1973, houve também as eleições parlamentares. Os partidos de oposição, PN e PDC se juntaram, formando o CODE, objetivando um terço das cadeiras no Congresso. Se tivessem sucesso, fariam uma denúncia constitucional e teriam os votos necessários para destituir Salvador Allende.⁷⁷ Como as eleições de 1962 no Brasil, estas foram muito importantes no Chile para medir o apoio a UP e trouxeram consequências ao futuro dos dois países estudados. Nas eleições de 1973, a oposição só obteve 54,6%, contra 43,5% da UP.⁷⁸ É interessante perceber o voto das mulheres nessas eleições: 60% delas foram contra Allende nas urnas.⁷⁹ A maior parte das cidadãs chilenas rejeitavam a presidência naquele momento, e seu voto era uma poderosa arma na luta contra eles.

Esse resultado expôs à oposição, e principalmente às mulheres, que eles não conseguiriam depor Allende via eleitoral. Dessa forma, a partir de ideais do PN, elas modificaram a forma de atuar contra Allende: começaram a apoiar a intervenção militar.⁸⁰ Iniciava-se então, uma legitimidade civil direta ao golpe.

Para esse novo objetivo, a oposição precisava unir as Forças Armadas no ideal de retirar a coalizão da UP a força. Primeiramente, teriam que retirar o general Carlos Prats do poder⁸¹. Entre o resultado das eleições parlamentares e o golpe, as mulheres tinham cinco objetivos: Destituir Prats; Ter as Forças Armadas unificada a favor da intervenção; Formar um Chile que apoiasse a ação militar; Impulsionar as mulheres a lutar por sua causa; Incitar as Forças Armadas a dar um golpe.⁸²

Até o início de 1964, as brasileiras opositoras não criticaram diretamente a figura de João Goulart, talvez por respeito a sua posição de presidente⁸³. Entretanto, mais perto do golpe, elas abandonaram essa política e atacavam diretamente seu comando do país. Completamente diferentes eram as mulheres chilenas, que se declararam contra Allende desde sua candidatura em 1964. Com o mesmo na presidência, elas intensificaram suas declarações criticando seu governo e sua figura, “banhados” pelo comunismo.

Em um momento de polarização nacional, o presidente brasileiro fez um comício em 13 de

75 CORDEIRO, Janaina M. *Direitas em movimento: a Campanha da Mulher pela Democracia e a ditadura no Brasil*. Rio de Janeiro, Editora FGV 2009. Página 54.

76 CORDEIRO, 2009, p. 58.

77 POWER, 2008, p. 241

78 POWER, 2008, op. cit.

79 *Ibid.*, p. 242

80 *Ibid.*, p. 243

81 Carlos Prats, chefe do Exército, defendia a Constituição, discordando de retirar o governo eleito do poder a partir de um golpe militar. Ele era um forte obstáculo para o objetivo do PF.

82 POWER, 2008, p. 245

83 CORDEIRO, 2009, p. 60

março de 1964, na Central do Brasil. Atraindo 350 mil manifestantes⁸⁴, ele usou o ato a favor do estabelecimento das Reformas de Base. A mobilização contrária ao comício originou a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, realizada na capital paulista, onde cidadãos reivindicavam a atuação militar frente a esse caos que ameaçava a “moral” brasileira, para que fosse aniquilado o comunismo.⁸⁵ Esse ato convocava a mulher brasileira a protestar pela moral do país. As 500 mil pessoas em meio a São Paulo, em 19 de março, demonstraram a força do movimento feminino e deram grande legitimação ao golpe que iria acontecer em poucos dias.

Após o Comício de Goulart, as mulheres da Camde já se organizavam no sentido de protestar contra as palavras do presidente. Elas fizeram um comício no dia dez de março, se opondo a “*legalização do Partido Comunista e contra o comício das reformas*”,⁸⁶ e levaram duas mil mulheres às ruas cariocas. As cidadãs deram grande apoio à Marcha da Família com Deus pela Liberdade, no dia “acendendo velas e estendendo toalhas brancas em sua janela” para se posicionar contra o comício do presidente. As organizadoras dataram uma marcha no Rio de Janeiro em dois de abril de 1964, para afirmarem a sua luta junto às mulheres paulistas. Entretanto, em primeiro de abril deste ano, houve o golpe civil-militar, fazendo a marcha do dia dois ser “da vitória”: “Tratava-se não mais de defender as instituições, mas de comemorar a intervenção militar, “salvadora” da pátria, da família e da religião.”⁸⁷

Nesse dia, a mobilização da Camde culminou em um milhão de cidadãos comemorando o feito dos militares, no centro do Rio de Janeiro⁸⁸. Era um movimento grandioso em termos de quantidade, e foi retratado pelos militares e pela imprensa favorável ao golpe como êxito de projeto que tinha grande apoio civil. Inúmeros grupos sociais respaldaram a Marcha, em apoio a “*iniciativa da mulher brasileira*”⁸⁹:

No Chile, a legitimidade ao golpe também estava sendo desenhada, e a intervenção viria em menos de um mês. Após dois episódios contra Prats⁹⁰, em 24 de agosto de 1973, o mesmo renunciou. Em seu lugar, foi empossado o general Augusto Pinochet, e o obstáculo principal para a intervenção militar foi retirado. Agora, as mulheres iriam dirigir-se aos militares, para convencê-los a apoiar um futuro golpe.

Para piorar a situação da UP, a partir desse mesmo mês de agosto uma série de greves ocorreram, com destaque a dos caminhoneiros:

De un extremo de Chile al otro, los camioneros se negaron a transportar mercaderías, los comerciantes cerraron sus negocios y los gremios profesionales dejaron de trabajar, incluso numerosos médicos y personal

84 *Ibid.*, p. 61

85 *Ibid.*

86 CORDEIRO, Janaina M. *Direitas em movimento: a Campanha da Mulher pela Democracia e a ditadura no Brasil*. Rio de Janeiro, Editora FGV 2009, página 64.

87 CORDEIRO, Janaina M. *Direitas em movimento: a Campanha da Mulher pela Democracia e a ditadura no Brasil*. Rio de Janeiro, Editora FGV 2009, páginas 65 e 66.

88 CORDEIRO, 2009, p. 66.

89 *Ibid.*, p. 67.

90 Em junho de 1973, uma mulher xingou Prats enquanto ele estava no carro. Ele a confundiu com um homem, e lhe abordou, pegou a arma e atirou para o alto. Isso foi usado pela oposição a seu favor, colocando a mulher como vítima e heroína. Em um país patriarcal como o Chile, a atitude do general foi preocupante, pois o mesmo atacou uma mulher indefesa, quando deveria protegê-la. (POWER, 2008, p. 250). Debilitado pela população e pelas Forças Armadas, Prats tentou renunciar, mas Allende não permitiu. Em agosto, ocorreu o estopim para Prats: Uma ação da PF onde mulheres foram à casa de Prats para dar uma carta a sua esposa, ordenando sua renúncia. Foi a gota d’água para o general do Exército.

de salud, que se negaron a tratar a sus pacientes.⁹¹

No PF, as atuações aumentaram exponencialmente. As mulheres se reuniam diariamente. Em oito de agosto as esposas dos oficiais do exército expuseram ao país seu desgosto em relação Allende. Era um apoio chave na luta feminina.⁹²

Para atacar a moral dos militares, a PF começou a jogar plumas nos soldados em suas aparições, lhes chamando de “galinhas” e “maricas”⁹³. Elas queriam que eles percebessem que tinham coragem e possibilidades para atuar a favor de suas famílias e país, e também iam aos quartéis protestar⁹⁴. É diferente a forma que a Camde e a PF atuaram sobre o assunto de ação dos militares. Parece que as mulheres chilenas foram mais diretas e tiveram mais “ousadia” exigindo a intervenção, enquanto as brasileiras, ainda que pedissem a atuação das Forças Armadas, não fizeram as ações de ataque direto aos militares como a PF.

Ademais, as mulheres, a partir da liderança do PF, faziam manifestações e ações para Allende desistir de sua presidência. Também ocuparam estações de rádio, onde davam respaldo aos caminhoneiros em greve e criticavam a coalizão governante.

Em 21 de agosto de 1973, houve a *Marcha de La Economía*, na qual as esposas dos caminhoneiros em greve manifestaram-se em frente ao Congresso Nacional, resistindo lá até a data em que os militares depuseram Allende. Sua ação objetivava que o governo aceitasse os pedidos dos grevistas. Essa Marcha teve grande apoio da PF, que visava enfraquecer a UP.

Mesmo com uma crise política e econômica sem precedentes, em 4 de setembro houve um desfile em Santiago com a expressiva participação de um milhão de chilenos para comemorar o terceiro ano e aniversário da vitória de Allende nas urnas. Era a maior movimentação desse aspecto nas ruas do Chile até aquele momento.⁹⁵

Respondendo à ação dos favoráveis ao governo - e continuando sua atuação pró golpe - as mulheres do PF, junto a apoios da oposição manifestaram em 5 de setembro pedindo a renúncia de Allende.⁹⁶ As manifestações percorreram o Chile inteiro.⁹⁷ Margaret Power demonstra que as marchas que o PF impulsionava tinham como exemplo e inspiração as mesmas ações promovidas pela Camde no Brasil. O país, que tinha se movimentado contra o comunismo quase 10 anos antes que o Chile, serviu de ensinamento para as ações de um movimento que almejava o mesmo êxito.

Um dia antes do golpe, as mulheres da PF e esposas de militares protestaram em frente ao Ministério da Defesa pedindo às Forças militares que atuassem pelo país. No dia 11 de setembro de 1973, a Força Aérea bombardeou o palácio *La Moneda*, sede da presidência chilena, e Salvador Allende se suicidou. Começava a ditadura militar chilena.

91 POWER, Margaret. *La mujer de derecha. El poder femenino y la lucha contra Salvador Allende, 1964 - 1973*. Santiago, Chile: Dirección de Bibliotecas, Archivos y Museos, 2008, página 251.

92 POWER, 2008, p. 252

93 Em um país machista e homofóbico como o Chile (POWER, 2008, p. 253), essa era uma grave ofensa, ainda mais aos militares, com uma postura de ordem e proteção à pátria. Esse era o objetivo das mulheres, irritá-los e dizer “*que no eran capaces de defender a sus madres, a sus esposas e hijas, sus familias, en general*” (POWER, 2008, p. 253).

94 Como expõe Power, não é sabido o quanto essas atuações supracitadas influenciaram a ação das Forças Armadas em setembro daquele ano (POWER, 2008, p. 255), mas as ações expuseram que elas apoiavam o golpe civil, dando futura legitimidade à ditadura.

95 POWER, 2008, p. 258

96 Em uma passeata que se afirmava apolítica e apartidária, milhares de mulheres se opuseram a UP nas ruas de Santiago, em um número superior à da *Marcha de las Cacerolas Vacías* (POWER, 2008, p. 259).

97 POWER, 2008, p. 261

Após o golpe, a Camde e o PF seguiram rumos diferentes. O movimento brasileiro ficou em estado de vigilância, para manter os valores que trouxeram os militares e impedir a volta do comunismo⁹⁸. Elas mudaram sua forma de resistência, dessa vez com projetos para educar a sociedade para esse novo Brasil que estava sendo colocado, mantendo seu discurso base⁹⁹. Duraram por 12 anos desde sua formação, até 1974.¹⁰⁰

A PF, pelo contrário, parou de atuar na ditadura militar chilena, por ordens do presidente, o general Augusto Pinochet. O movimento dava muito protagonismo político à mulher, e isso não condizia com o discurso do governo, que colocava a chilena em uma posição subordinada ao marido.¹⁰¹

Conclusão

Portanto, é perceptível como os países estudados tiveram movimentos de mulheres com objetivos parecidos em um momento de polarização política. Em países que elas consideravam tomados pelo comunismo, saíram de seu lugar na esfera privada para lutar pela família, ordem, tradição, e pelo sagrado. Sem reivindicar seus lugares em igualdade com os homens, elas diziam estar atuando politicamente só por ser um momento ímpar, e tinham apoio da maioria dos homens.

Na ditadura militar, esses movimentos foram usados como legitimadores da ordem imposta, e a condição “pura” dessas mulheres, sem ligações com partidos ou política, fez com que elas fossem exemplos de atuação.

As marchas, movimentos semelhantes, não são à toa: o PF se inspira nos movimentos nas ruas promovidos pela Camde, e obtém o mesmo êxito que as brasileiras, milhares de mulheres nas ruas com o mesmo objetivo de retirar do poder os governos comunistas - considerados comunistas, no Brasil -, e ter o país “salvo” pelos militares.

Desse modo, o estudo dessas organizações é muito importante para entender o apoio civil às ditaduras militares do Chile e do Brasil em grandes massas que, com a ajuda de partidos, jornais, rádios e a elite, fizeram barulho contra os governos de Allende e de Goulart, auxiliando na legitimação dos golpes que culminaram em regimes militares.

98 CORDEIRO, 2009, p. 72.

99 De anticomunismo, de se auto intitulem mães e esposas, e a favor da democracia, sempre em uma perspectiva apartidária e apolítica CORDEIRO, 2009, p. 104.

100 CORDEIRO, 2009, p. 45

101 POWER, 2008, p. 265 e 266

Referências Bibliográficas

Livros

AYERBE, Luis Fernando. *A revolução cubana*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*/Pierre Kühner. - 11º ed. - Rio de Janeiro 160p. Bourdieu tradução Maria Helena Bertrand Brasil, 2012.

CORDEIRO, Janaína Martins. *Direitas em Movimento: a Campanha da Mulher pela Democracia e a ditadura no Brasil*. 1. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2009.

POWER, Margaret. *La mujer de derecha. El poder femenino y la lucha contra Salvador Allende, 1964 - 1973*. Dirección de Bibliotecas, Archivos y Museos, 2008. Santiago, Chile.

WINN, Peter. *A revolução chilena*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

Capítulo de livro

BARBIERI, Teresita de. “Sobre la categoría género. Una introducción teórico metodológica”. In *Debates en Sociología*, número 18, 1993, pp. 145-169

BASSANEZI, Carla. “Mulheres dos anos dourados”. In: *História das mulheres no Brasil*/ Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos). 7. ed. - São Paulo: Contexto, 2004. pp 508 - 535.

BORGES, Nilson. “A Doutrina de Segurança Nacional e os governos militares”. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Org.). *O Brasil republicano. O Tempo da Ditadura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. VOL 4, pp. 13 - 42.

FERREIRA, Jorge. “O governo Goulart e o golpe civil-militar de 1964”. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Org.). *O Brasil republicano. O Tempo da Experiência Democrática*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. VOL 3, pp. 345 - 403.

LUNA, Lola G. “Estado y participación política de mujeres en América Latina: Una Relación Desigual y una Propuesta de análisis histórico” in LEÓN, M. (org.) *Mujeres y Participación política. Avances y desafíos en America Latina*, Bogotá, TM Editores, 1994, pp. 29-44.

SOIHET, Rachel. “Mulheres investindo contra o feminismo: resguardando privilégios ou manifestação de violência simbólica?”. In *Feminismos e antifeminismos: mulheres e suas lutas pela conquista da cidadania plena*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2013, pp. 191-210.

Artigo de coletânea

FROHRAANN, Alicia; VALDÉS, Teresa. “DEMOCRACY IN THE COUNTRY AND IN THE HOME”. *THE WOMEN'S MOVEMENT IN CHILE*. Documento de Trabajo FLACSO - Programa Chile Serie Estudios Sociales NS 55 Santiago, diciembre de 1993.

HANSEN, João Adolfo. Para uma história dos conceitos das letras coloniais luso-brasileiras dos séculos XVI, XVII e XVIII. In: FERES JÚNIOR, João; JASMIN, Marcelo (Org.). *História dos conceitos: diálogos transatlânticos*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Edições Loyola; IUPERJ, 2007. p. 253-266.

VALDÉS, Teresa. *Las mujeres y la dictadura militar en Chile*. Chile: FLACSO, 1987. 50 p. ;29 cm.